

Teologia da Libertação

Maise de Carvalho Gomes Monte

Para se pensar em Teologia da Libertação, antes tem que se considerar a Doutrina Social da Igreja. Até meados do século XIX, a Igreja Católica ainda permanecia atrelada aos poderosos da sociedade antiga e medieval, esquecendo que, na própria Bíblia há um conteúdo e um apelo acerca da fraternidade universal e que coloca todos os homens como irmãos e semelhantes a Deus.

Somente a partir da Carta Encíclica Rerum Novarum, do Papa Leão XIII, 15 de maio de 1891, é que a Igreja Católica insere-se nos tempos modernos, ou melhor dizendo, viu-se cercada por mudanças substanciais no mundo ocidental, como as reformas sociais e políticas que as revoluções burguesas trouxeram, e também pelos novos ventos dos movimentos socialistas e comunistas e foi então, repensando seu papel.¹

A Encíclica Rerum Novarum, trata principalmente da “questão operária” e teve grande ressonância para o debate sobre a ação social da igreja. Seu efeito foi comparado com o que foi o “Manifesto Comunista” e o “Capital” de Karl Marx para a ação socialista, esta encíclica foi para a ação social cristã.²

Pouco a pouco, a igreja foi vendo que a sua encíclica fora aclamada e posta em prática pelos católicos do campo social, pois havia muita sede de mudanças neste campo. Com ela, a igreja Católica dá um salto qualitativo entre o liberalismo e o socialismo, propondo uma via própria guiada nos princípios cristãos. Durante todo o século XX a caminhada foi sendo duramente trilhada e construída. Tomou mais fôlego, depois do Concílio Vaticano II mso-spacerun: yes"> que ajudou a impulsionar esta grande mudança.

Neste ponto, coloca-se a questão fundamental de como anunciar o evangelho, de modo que ele seja compreendido e livremente acolhido.³ Acolhido por todas as classes sociais, pois somos irmãos em Cristo.

No caso da América Latina, não devemos esquecer que a igreja católica entrou de companhia da Europa, no processo de colonização, sendo conivente inclusive, com a escravidão. Mas, se olharmos com mais atenção para este mesmo continente, veremos que foi na América latina o nascedouro da Teologia da Libertação, surgida através das quatro Conferências Gerais realizadas pelo Episcopado da América Latina:

1955 – Rio de Janeiro

1968 – Medellín

1979 – Puebla

1992 – Santo Domingos

Elas constituem marcos profundos da vida eclesial do continente latino-americano e grande dignificado pela dimensão histórica, teológica e renovadora. Ao longo de mais de cinquenta anos, estas quatro Conferências transformaram-se em fonte de reflexão teológica e de fomento que impulsiona processos de renovação, modificando visões de mundo, pois, uma coisa é ver a história e a teologia pela ótica dos pobres e oprimidos, e outra, é ver pela ótica dos poderosos como antes.

Passou também, a ser um marco referencial para outros grupos que se consideram oprimidos: os cristãos pobres da África e da Ásia, as minorias discriminadas nos Estados Unidos (negros e hispanos) e os diversos movimentos feministas.

A temática da libertação aflorou no Brasil, nos primeiros anos da década de 60, no contexto da análise do fenômeno do subdesenvolvimento. Ensinava-se que o subdesenvolvimento, era um problema de atraso técnico, pois éramos “países em desenvolvimento” e que mais tarde, se resolveria com a modernização tecnológica, causando assim, uma interdependência entre os

países ricos de tecnologia avançada, e os países pobres que dependiam de sua tecnologia para desenvolverem-se e, gerou-se também a crença de que era necessário ter um país rico, para dar esses suportes. Gerou-se assim, o centrismo norte-americano, nos aspectos técnicos, financeiro-econômicos e até culturais. Nesse centrismo, seria estreitadas as relações com os países ricos e desenvolvidos, para que fosse gestado um desenvolvimento mais homogêneo, sem mudar o sistema. 4

Há um sistema global de inegável desenvolvimento mas profundamente desigual, gerando um centro rico e uma periferia pobre, gerando um relacionamento de dependência e opressão. Não vamos esperar que os oprimidos gostem disso. Isso gera revolta e a conseqüente DENÚNCIA!

O povo oprimido, juntamente com os movimentos populares ligados aos interesses da libertação, começaram a reunir-se e formar cristãos comprometidos e sobretudo organizados em grupos, pastorais e comunidades eclesiais de base.

Eis aí, a Teologia da Libertação funcionando em toda sua organicidade!

Surgiram então:

- Movimento de Educação de Base – M.E.B
- Ação Popular – AP

Ambos no Brasil e utilizando o Método Paulo Freire, como método pedagógico de prática totalmente libertadora.

Nos movimentos populares ligados aos interesses de libertação social, surgiram:

- Ação Católica Operária - ACO
- Juventude Universitária – JUC
- Juventude Estudantil Católica – JEC
- Comissões de Justiça e Paz – CJP

Em seus círculos, introduzira-se pela primeira vez as reflexões de fé no marco teórico sobre Dependência versus Libertação.

O mais importante na mente dos Teólogos da Libertação, não é a teologia, e sim a Libertação concreta dos oprimidos. Sempre que isso acontece, é sinal de que o Reino de Deus já se aproximou!!! (5)

Maise de Carvalho Gomes Monte

Centro de Direitos Humanos e Memória Popular

Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Natal

1 TOSI, Giuseppe, História e atualidade dos direitos do homem. texto, p.08,Ed. UFPB.

2 LEÃO XIII, Rerum Novarum. p.05, São Paulo,.Paulinas, 12ª ed. 2000.

3 SORGE, Bartolomeo.Por uma civilização de amor. São Paulo, Paulinas 1998.

4. BOFF, Leonardo. O caminhas da igreja com os oprimidos, 2.ed.Rio de Janeiro, Codecri,1991.

5. BOFF, Leonardo, O Caminhar da igreja com os oprimidos: do vale das lágrimas à terra prometida. 2ª ed.. Rio de Janeiro, Codecri. 1981.